

PROJETO “O FRONT FEMININO: DO SILÊNCIO AO GRITO (MULHERES, SEGUNDA GUERRA E DIREITOS HUMANOS)”, DESENVOLVIDO NO COLÉGIO ESTADUAL BARÃO DE MAUÁ, CORRESPONDENTE À ÁREA DE HISTÓRIA.

Edna Maria Matos Antonio¹

Ivan Paulo Santos²

Laisa Trindade³

Vitoria Santana⁴

RESUMO

O presente trabalho aborda a questão da importância do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência no âmbito público das escolas brasileiras. A iniciativa do projeto intitulado “O Front feminino: do silêncio ao grito (mulheres, segunda guerra e Direitos Humanos)” tem o intuito de desconstruir a visão feminina enquanto irrelevante nos conflitos bélicos, sobretudo as mulheres soviéticas que participaram ativamente na II guerra. Além de problematizar as abordagens majoritariamente masculinas, compreendendo as representações femininas através dos discursos masculinos. É também nesse contexto que surgem os Direitos Humanos como forma de assegurar que tais atrocidades cometidas não voltem a acontecer novamente.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Mulheres; Segunda Guerra.

INTRODUÇÃO

O projeto intitulado “O Front feminino: do silêncio ao grito (mulheres, segunda guerra e Direitos Humanos)” teve como propósito levantar uma problemática que não é tão discutida: o fato de que as representações acerca dos conflitos bélicos tradicionalmente são mostradas a partir da perspectiva masculina, escritas por homens e sobre homens. Assim, todo conhecimento que é abordado a respeito da história das guerras, seja em sala de aula ou em diversas outras ambientações, advém do olhar masculino, com a guerra vista como ambiente de

¹ Coordenadora do Núcleo de História do PIBID/UFS, e professora do curso de História da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: ednamatos.antonio@gmail.com.

² Licenciado em História. Professor da rede pública de ensino. Supervisor do PIBID no Colégio Estadual Barão de Mauá, vinculado ao Projeto “O front feminino: do silêncio ao grito (Mulheres, Segunda Guerra e Direitos Humanos)”. E-mail: ivanpaulo73@yahoo.com.br.

³ Estudante de graduação do 5º período do curso de História da Universidade Federal de Sergipe. Integra o Projeto “O front feminino: do silêncio ao grito (Mulheres, Segunda Guerra e Direitos Humanos)”, vinculado ao PIBID. E-mail: laisatra@gmail.com.

⁴ Estudante de graduação do 5º período do curso de História da Universidade Federal de Sergipe. Integra o Projeto “O front feminino: do silêncio ao grito (Mulheres, Segunda Guerra e Direitos Humanos)”, vinculado ao PIBID. E-mail: vitoriastossantana64@gmail.com.

violência e virilidade, patriotismo e sacrifício, ou seja, heroificada. Tal situação ilustra a desvalorização do papel da mulher em tais contextos. Desse modo, o feminino é marginalizado por não possuir, de fato, um lugar de fala nesse e em tantos outros meios. A partir disso, o intuito do projeto foi fazer com que os alunos refletissem sobre o papel da mulher no contexto de conflitos bélicos e desconstruissem a visão que se tem do feminino enquanto categoria passiva, dedicada exclusivamente às tarefas domésticas, durante tais épocas.

Ademais, buscou-se colaborar no desenvolvimento de um método didático-pedagógico diferenciado para o ensino de história, a partir da visão de mulheres soviéticas que participaram da segunda guerra mundial; contribuir para uma abordagem em que a mulher não seja mais invisível (em relação aos acontecimentos ou ao protagonismo), salientando a sua importância. E, também, estimular a desconstrução de concepções heroicas de guerra, enraizadas na perspectiva masculina, e desmistificar o papel feminino apenas voltado ao lar, apresentando-o, na verdade, como agente histórico relevante, adotando um olhar crítico das representações do feminino nos discursos patriarcais.

METODOLOGIA

Para que o projeto em questão fosse viável, inicialmente foi feita a leitura de uma bibliografia especializada, a exemplo do artigo “A Educação em Direitos Humanos na escola”, das autoras Flávia Leal King Baleche e Sônia Cristina da Silva; do caderno temático “Direitos Humanos e cultura da paz”, pertencente ao programa “Saúde na escola”, do Ministério da Saúde; de alguns artigos contidos na “Declaração Universal dos Direitos Humanos”; de um artigo intitulado “Educação e Direitos Humanos: desafios para a escola contemporânea”, das autoras Angela Viana Machado Fernandes e Melina Casari Paludeto; de uma apostila do MEC, pertencente ao programa “Mais Educação” e correspondente à série “Cadernos Pedagógicos”, nomeada como “Direitos Humanos em Educação”; e, também, de algumas partes do livro “Mulher, sociedade e Direitos Humanos”, da autora Fabiana Kamada. Além disso, foi realizada a leitura da obra que encabeçou nosso projeto: o livro “A guerra não tem rosto de mulher”, da autora ucraniana Svetlana Aleksievitch.

Apesar de a referência principal do projeto, isto é, a obra “A guerra não tem rosto de mulher”, da autora Svetlana Aleksievitch, ter sido lida pelas bolsistas para que ele fosse construído, ao ser trabalhada em sala de aula com os discentes, para sintetizar melhor a atividade, precisou ser dividida em recortes temáticos. Portanto, o livro em questão foi dividido de acordo com os seguintes temas: “A proposta do livro”, “O impacto da guerra no corpo feminino”, “Os horrores da guerra”, “A situação das soldadas soviéticas no pós-guerra”, “As

regras do tempo de guerra” e, por fim, “O feminino e a preocupação com o belo durante a guerra”.

DESENVOLVIMENTO

As atividades começaram com a entrega dos recortes temáticos impressos aos alunos, para que eles tivessem contato com a obra da autora. Posteriormente, foram realizadas algumas aulas expositivas, com o auxílio de slides, recursos imagéticos e audiovisuais. Os slides tiveram a seguinte organização: primeiramente, uma breve síntese a respeito da biografia de Svetlana Aleksievitch. Por conseguinte, uma abordagem crítica sobre o fato de que, ao longo da história, os relatos de guerra terem sido, predominantemente, escritos por homens e sobre homens, sempre ocupando a posição de heróis; e, conseqüentemente, sobre o processo de invisibilidade feminina, com as mulheres fora dos relatos historiográficos, silenciadas pelas fontes e com suas funções desempenhadas durante a guerra extremamente desvalorizadas. Ademais, uma breve exposição e leitura conjunta de alguns trechos contidos no livro, de acordo com a caracterização dos recortes temáticos, assim como um debate entre alunos, professor e bolsistas.

Além disso, foram apresentadas sínteses biográficas a respeito de duas soldadas soviéticas que se destacaram consideravelmente no contexto da segunda guerra mundial: Roza Shanina (comandante de um pelotão de snipers femininas soviéticas) e Lyudmila Pavlichenko (considerada a sniper mulher mais letal da história, com 309 mortes confirmadas). E, também, um resumo sobre as mulheres que ficaram conhecidas como “Bruxas da Noite”.

A segunda parte do projeto consistiu numa explanação a respeito da historicidade da criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e dos chamados “Direitos Humanos”, com enfoque no contexto do pós-guerra. Para tanto, foi exposto e lido um trecho do preâmbulo da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, de 1948, mostrando, dessa forma, como tal Declaração adveio justamente como resposta às atrocidades que ocorreram nas guerras mundiais, com o intuito de impedir que os horrores cometidos em tais períodos fossem repetidos. E, também, uma discussão sobre o conceito contemporâneo de Direitos Humanos e de algumas formas de negação dos mesmos.

Para auxiliar na execução das atividades, foram utilizados alguns recursos imagéticos e audiovisuais. Os primeiros corresponderam a imagens da autora do livro e, também, de um dos maiores horrores que permearam o contexto da Segunda Guerra: o holocausto (com a intenção de mostrar, por exemplo, o quanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi essencial para reafirmar formalmente que tamanha barbaridade jamais poderia repetir-se), assim como de algumas soldadas soviéticas e de uma imagem que ilustrava algumas formas de negação dos direitos humanos na contemporaneidade. Já os segundos diziam respeito aos seguintes vídeos,

todos disponíveis no Youtube: “Há 70 anos: adotada a Declaração Universal dos Direitos Humanos” (presente no canal oficial “ONU Brasil”); “Direitos Humanos” (canal “ONU Mulheres Brasil”); “O que são Direitos Humanos/ Glenda Mezarobba” (canal “Casa do saber”); “Marchas da Segunda Guerra Mundial – A Guerra Sagrada” (canal “Hoje na segunda guerra mundial”) – com a intenção de elucidar como a propaganda Estatal da época foi demasiadamente importante no recrutamento de pessoas para o front; “TV- A guerra não tem rosto de mulher” (canal “Arthur Pereira Silva”) – vídeo que corresponde a alguns trechos da peça homônima do livro, com a intenção de que, ao mostrar a encenação de alguns relatos contidos na obra, explicitando o teor dramático e emocional trazido por eles, o objetivo do projeto fosse concretizado; e, por fim, “Vozes Esquecidas” (canal “Revista Bravo!”), com uma leitura dramática de alguns trechos do livro realizada pela atriz Débora Falabella.

Por fim, como forma de avaliar se o projeto conseguiu ser assimilado pelos discentes e, conseqüentemente, se eles tiveram um aprendizado significativo, elaboramos uma atividade para que escolhessem, entre os subtemas destacados no livro “A Guerra não tem rosto de mulher”, qual relato tinha sido mais comovente para cada um deles; e, após a escolha, justificassem. Além disso, sugerimos que eles dissertassem sobre qual relação poderia ser estabelecida entre os relatos presentes no livro e o surgimento dos chamados “Direitos Humanos”.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, tendo em vista tudo o que já foi explanado, consideramos o projeto “O Front feminino: do silêncio ao grito (mulheres, segunda guerra e Direitos Humanos)” enquanto relevante porque, através dele, acreditamos que os horizontes dos discentes foram expandidos quanto ao papel feminino na época de conflitos bélicos, especialmente da mulher soviética durante a Segunda Guerra Mundial.

Trabalhar com a problemática acima é essencial porque, tradicionalmente, não só na sala de aula, por meio dos discursos dos professores e dos livros didáticos, como também em outras ambientações e por outros meios, temos registros de guerra produzidos por homens e que tratam justamente de seus feitos heroicos; assim, passamos a ter acesso a uma narrativa que focaliza a história da guerra em si, com suas batalhas e seus heróis. Em suma, uma história da Vitória e do Estado e, sobretudo, da perspectiva masculina.

Desse modo, confiamos que a execução do projeto colaborou para que o alunado conhecesse mais e adotasse uma visão com maior criticidade sobre esse cenário, marcado pela ocultação do acesso a uma abordagem histórica que traga a voz feminina narrando o cotidiano

da sua própria guerra, suas experiências no front, seu protagonismo na execução de diversas funções, desde enfermeiras à franco-atiradoras, sua força e importância na concretização da Vitória, suas dores e preconceitos sofridos durante a guerra e no contexto posterior.

Em síntese, a experiência possibilitada pelo PIBID nos deu a oportunidade de aprender e ensinar mais sobre uma guerra mais humana, cotidiana, feminina e, até mesmo, mais dura e suja, sem endeusamento e heroicização. E, dessa forma, ajudou na desconstrução da visão da mulher enquanto ser submisso durante épocas beligerantes, que fica preso ao lar e aos cuidados com os filhos, mostrando que o feminino, na verdade, assumiu diversas funções no contexto de guerra, tendo, inclusive, protagonismo em diversos momentos e sendo imprescindível na concretização da Vitória. Desse modo, por meio da exposição de relatos femininos, buscou-se desmistificar a visão de submissão que costuma ser apresentada pelas narrativas tradicionais.

Ademais, o projeto mostrou-se como interessante na medida em que pôde trazer, para o ambiente escolar, um pouco mais de conhecimento a respeito do que são os Direitos Humanos, da sua historicidade, de algumas exemplificações de quando estão sendo negados e, também, de como, dentro do contexto da segunda guerra, foram decisivos para que se percebesse a importância de um documento escrito, oficial e legítimo que condenasse os horrores naturalizados durante o conflito.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BALECHE, Flávia Leal King; SILVA, Sônia Cristina da. **A educação em Direitos Humanos na escola**. Anais do IV Encontro Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, PUC/PR. p. 1400-1413, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23851_13205.pdf. Último acesso em 15 de abr. de 2019.

DIREITOS HUMANOS. Canal “ONU Mulheres Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGKAaVoDlSs&list=PLRYDLiThGXDe0cWeCHPaWH e5Vdq8R3N5M&index=8>. Último acesso em 17 de out. de 2019.

FERNANDES, Angela Viana Machado; PALUDETO, Melina Casari. **Educação e Direitos Humanos: desafios para a escola contemporânea**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 81, p. 233-

249, mai.-ago. 2010. 233. Disponível em <https://www.cedes.unicamp.br/>. Último acesso em 16 de out. de 2019.

HÁ 70 ANOS: ADOTADA A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Canal “ONU Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SJy1M4iYiMo&list=PLRYDLiThGXDe0cWecHPaWHe5Vdq8R3N5M&index=7>. Último acesso em 17 de out. de 2019.

KAMADA, Fabiana. **Mulher, sociedade e Direitos Humanos**. São Paulo: Rideel, 2010. Capítulo 2, p. 37-60.

MARCHAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – A GUERRA SAGRADA. Canal “Hoje na Segunda Guerra Mundial”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7Zylpos6y3s&list=PLRYDLiThGXDe0cWecHPaWHe5Vdq8R3N5M&index=1>. Último acesso em 18 de out. de 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Direitos Humanos em Educação**: série cadernos pedagógicos. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-educacao-em-direitos-humanos>. Último acesso em 14 de out. de 2019.

O QUE SÃO DIREITOS HUMANOS – GLENDA MEZAROBBA. Canal “Casa do Saber”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fMBNL4HFEOQ&list=PLRYDLiThGXDe0cWecHPaWHe5Vdq8R3N5M&index=11>. Último acesso em 19 de out. de 2019.

TV – A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER. Canal “Arthur Pereira Silva”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AVHojLOyM4c&list=PLRYDLiThGXDe0cWecHPaWHe5Vdq8R3N5M&index=4>. Último acesso em 19 de out. de 2019.

VOZES ESQUECIDAS. Canal “Revista Bravo!”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QmnvObx84ag>. Último acesso em 22 de out. de 2019